

A Psicopatia a partir da Psicanálise: desmistificando a visão da mídia

The Psychopathy from the Psychoanalysis:
demystifying the media view

Jordan Prazeres Freitas da Silva¹

RESUMO: Nos últimos anos os meios de comunicação, têm passado para sociedade uma visão distorcida do real significado de psicopatia. O psicopata sempre esteve associado a crimes e contravenções, a partir daí o principal foco do estudo é que após a leitura, o leitor possa reavaliar suas convicções sobre o tema. Este artigo tem como objetivo efetuar uma análise e uma desmistificação do conceito de psicopatia, tendo presente a sua evolução. São analisados os principais indicadores que caracterizam as perspectivas clínica, categorial, tipológica e dimensional do conceito de psicopatia, assim como os principais aspectos que as diferenciam. No final do artigo é discutido o impacto, quer em termos teóricos quer empírico dos aspectos que são defendidos como centrais, na definição de psicopatia, segundo a psicanálise.

PALAVRAS-CHAVE: Mídia, Psicopatia, Psicanálise.

ABSTRACT: In recent years the media have passed to society with a distorted view of the real meaning of psychopathy. The psychopath always associated with crimes and misdemeanors, from there the main focus of the study is that after reading, the reader can re-evaluate your beliefs on the subject. This article aims to make an analysis and demystification of the concept of psychopathy, taking into account its evolution. Leading indicators are analyzed to characterize the clinical perspective, categorical, typological and dimensional concept of psychopathy, as well as the main aspects that differentiate them. At the end of the article the impact is discussed, either in theory or empirical aspects that are defended as central in the definition of psychopathy, according to psychoanalysis.

KEYWORDS: Media, Psychopathy, Psychoanalysis.

Introdução

Atualmente os meios de comunicação de massa se constituem não apenas como formas de entretenimento de fácil acesso e assimilação, mas também como meios de informação e formação de opinião. Jornais, revistas, filmes, programas, séries de TV e histórias em quadrinhos por serem amplamente consumidos pela população, acabam sendo utilizados como formas de conhecimento e aprendizagem. Dessa forma, a partir do seu forte poder persuasivo, a mídia tem passado a sociedade uma visão distorcida do real significado de psicopatia.

¹ Graduando em Psicologia, Faculdade Católica Rainha do Sertão (FCRS). jordanpraazer@gmail.com.

A ideia de psicopata desperta calafrios e um repúdio tal que a mídia não pode deixar de aproveitar para exacerbar o foco na perversidade: a série *Dexter* de *Jeff Lindsay*, estrelado por *Michael C. Hall*, é um excelente exemplo. A trama do programa procura mostrar o fantasma da pessoa “psicopata”, por meio das ações sádicas de um rapaz possuidor de um caráter mortífero, que o leva a tentar eliminar todos aqueles que ousem assassinar outro ser “inocente”.

Assim definindo o “psicopata” (“perverso para Freud”) como indivíduo cronicamente antissocial, que está sempre associado a crimes e contravenções, não aprendendo nem com a experiência, nem com a punição e que não mantém nenhuma ligação real com qualquer pessoa, grupo ou padrão. E a partir daí a sua marginalidade também já faz parte de sua posição social e confunde-se com sua condição clínica.

Porém, olhando por um viés científico, vemos que durante um século de psicanálise muito se produziu sobre neurose e psicose. Entretanto, isto não se passa da mesma forma com a perversão. Esta parece que ficou um pouco à margem na literatura psicanalítica. Fico me indagando qual a razão disso: a complexidade do tema? A pouca incidência de sujeitos perversos na clínica? Por que os psicanalistas se esquivam de falar sobre a perversão? Haveria um “não querer saber nada disso” sobre a perversão? Diante desse cenário interrogo: o que responde o psicanalista sobre a perversão? (MARTINHO, 2013).

Parafraseando Martinho (2013), podemos dizer que para Lacan, Freud respondeu essa pergunta em três tempos lógicos de sua obra. Em primeiro tempo teríamos “*O instante do olhar*”, após “*O tempo para compreender*” e finalizando com “*O momento de concluir*”, onde em cada tempo, o pensador Psicanalista tem um novo desenvolvimento sobre a perversão.

Vários autores acentuam o grande corte que Freud teria operado em relação às concepções anteriores, ao tomar a perversão como paradigma para caracterizar a sexualidade infantil, transformando-a, portanto, de “anomalia sexual” em algo que se situaria no âmbito da normalidade. Outros, como Lanteri-Laura (1979), considera que o corte empreendido pelo pai da psicanálise com a psiquiatria não teria sido tão radical, visto que Freud teve que se apoiar nesta literatura psiquiátrica, como fonte de saber para a nova ciência que tencionava criar (CASTRO; RUDGE, 2003).

Shine (2000, p. 57) assinala que “... o termo psicopatia – e suas variantes – foi tomado de empréstimo do campo da psiquiatria por vários psicanalistas, reproduzindo, no meio psicanalítico, a mesma difusão de sentidos quanto ao que se queria dizer com tal termo”.

A partir daí, a perversão ganhou na psicanálise outro estatuto que não aquele que a medicina lhe concedera, e esta transposição de uma noção para um campo teórico diverso não se faz sem uma transformação. No espaço em que o instinto no animal, como um saber inato, garantiria a tendência biológica para a adaptação, Freud valorizou a precariedade do equipamento inato de adaptação do bebê, o que o destinaria ao laço social, e determinaria a importância fundamental das primeiras experiências e das relações na constituição de sua sexualidade e psiquismo (SHINE, 2000).

Apesar do enorme leque de informações que o mundo hoje tem, a nação acabou ficando em seu estado vegetativo, não procurando mais pesquisar sobre alguns assuntos, mas apenas acreditando no que é passado pela mídia. Desta forma, por “psicopatia” ser um tema bastante repercutido, escolhemos essa temática para ser debatida. O nosso principal foco do estudo é que após a leitura, o leitor possa reavaliar suas convicções sobre o “psicopata/perverso”. A partir daí o objetivo do estudo será discutir a psicopatia a partir da psicanálise, desmitificando a visão midiática e, relatar e apresentar a visão da mídia a respeito da psicopatia.

Onde nosso estudo é básico, explicativo, tendo por objetivo ampliar generalizações, definir mais amplas, estruturar sistemas e modelos teóricos, relacionar hipóteses numa visão mais unitária do universo e gerar novas hipóteses por força de dedução ocorrência dos fenômenos. Terá natureza qualitativa que considera a existência de uma relação dinâmica entre mundo real e sujeito.

Nosso trajeto começará por recolher as principais passagens em que Freud e Lacan debruçam-se sobre o tema da perversão. No segundo momento, procuraremos esclarecer os principais aspectos da psicopatia visando realizar, se assim pudermos nos expressar, sobre a visão da mídia, usando como arma principal o desmentir e a desconstrução de tudo, ou quase tudo, que já se escreveu sobre esse tema. Vários foram os trabalhos Freudianos sobre esse

“indivíduo cronicamente antissociais” e a partir deles, teremos uma base científica para o nosso estudo

Referencial teórico

A visão midiática da Psicopatia

A relação entre a mídia e a criminalidade é uma das mais controvertidas no campo social, isso pela dificuldade de se estabelecer um vínculo causal entre as representações midiáticas e seus efeitos (SALGADO, 2008).

Nos casos envolvendo psicopatas não é diferente. A mídia em muitos casos dá uma visão distorcida sobre o termo de psicopatia e sobre os psicopatas, associando-os a pessoas de dupla personalidade, assassinos em série e de sangue frio ou ainda indivíduos sem compaixão ou piedade. Em alguns casos esses aspectos até se encaixam, mais na maioria das vezes não. Devemos também levar em consideração que nem todo psicopata é um assassino (FILHO, 2006).

Segundo o psiquiatra norte-americano Hervey M. Cleckley (1941) existem quatro subtipos diferentes de psicopatas:

Os PSICOPATAS PRIMÁRIOS: não respondem ao castigo, à apreensão, à tensão e nem à desaprovação. Parecem ser capazes de inibir seus impulsos antissociais quase todo o tempo, não devido à consciência, mas sim porque isso atende ao seu propósito naquele momento. As palavras parecem não ter o mesmo significado para eles que têm para nós. Não têm nenhum projeto de vida e parecem ser incapazes de experimentar qualquer tipo de emoção genuína. Os PSICOPATAS SECUNDÁRIOS: são arriscados, mas são indivíduos mais propensos a reagir frente a situações de estresse, são beligerantes e propensos ao sentimento de culpa. Os psicopatas desse tipo se expõem a situações mais estressantes do que uma pessoa comum, mas são tão vulneráveis ao estresse como a pessoa comum. São pessoas ousadas, aventureiras e pouco convencionais, que começaram a estabelecer suas próprias regras do jogo desde cedo. São fortemente conduzidos por um desejo de escapar ou de evitar a dor, mas também são incapazes de resistir à tentação. Tanto os psicopatas primários como os secundários estão subdivididos em: PSICOPATAS DESCONTROLADOS: são os que parecem se aborrecer ou enlouquecer mais facilmente e com mais frequência do que outros subtipos. Seu delírio se assemelhará a um ataque de epilepsia. Em geral também são homens com impulsos sexuais incrivelmente fortes, capazes de façanhas

assombrosas com sua energia sexual. Também parecem estar caracterizados por desejos muito fortes, como o vício em drogas, a cleptomania, a pedofilia ou qualquer tipo de indulgência ilícita ou ilegal. PSICOPATAS CARISMÁTICOS: são mentirosos, encantadores e atraentes. Em geral são dotados de um ou outro talento e o utilizam a seu favor para manipular os outros. São geralmente compradores e possuem uma capacidade quase demoníaca de persuadir os outros a abandonarem tudo o que possuem, inclusive suas vidas. Com frequência, esse subtipo chega a acreditar em suas próprias invenções. São irresistíveis.

Blackburn (1998) desenvolveu uma interessante tipologia para os subtipos de psicopatas. Ele fez uma distinção entre dois tipos de psicopatas e ambos compartilhando um alto grau de impulsividade: um Tipo Primário, caracterizado por uma adequada socialização e uma total falta de perturbações emocionais, e um Tipo Secundário, caracterizado pelo isolamento social e traços neuróticos.

Apesar de todas as variações tipológicas dos mais diversos autores todos parecem estar de acordo nas características nucleares do conceito; impulsividade e falta de sentimentos de culpa ou arrependimento. Segundo Millon (1998) mesmo considerando diversos subtipos de psicopatas, deixa claro que existem elementos comuns a todos os grupos: um marcado egocentrismo e um profundo desprezo pelos sentimentos e necessidades alheias.

Filmes e séries como: O Mentalista (The Mentalist), Dexter, O Massacre da Serra Elétrica, e Jogos Mortais, são algumas entre muitas outras dramaturgias que a mídia se aproveita e mostra seus personagens como um psicopata primário, conhecido como Serial Killers (OLIVEIRA; GALDINO, 2013).

De acordo com Oliveira e Galdino (2013), a série *Dexter* estrelada em 2006 na rede de TV americana FOX, que tem como personagem principal *Dexter Morgan*, retrata a vida de um cientista que concilia sua vida social, a família, os amigos e o casamento com um trauma de infância, o assassinato brutal de sua mãe, fato que justifica de certo modo sua necessidade de matar.

Ainda segundo os autores:

A série ainda favorece para recriar a imagem do psicopata, antes encarado como apenas um lunático, sujo, doentio, apático e serial killer; a agora um ser

humano comum, mas ainda assim com os mesmos comportamentos transgressores que os psicopatas citados anteriormente. Um dos focos apelativos da série é a camuflagem social que o personagem consegue exercer para evitar ser descoberto. Tal atitude atribuída a sentimentos de inteligência e eloquência cria, no entanto, uma forte admiração e até endeusamento por parte dos telespectadores, no que o psicopata *Serial killer* acaba por se tornar o mais novo herói da modernidade. Embora *Dexter* seja uma série que proponha a diferença com relação à personagem heroica que é ao mesmo tempo um retrato da monstruosidade, a sua produção não hesita em mostrar que a ordem é o lugar ideal para se viver bem (OLIVEIRA; GALDINO, 2013, p. 03).

Caracterizando o psicopata

Definir psicopatia reveste-se de grande complexidade. Na verdade, a definição deste conceito foi alvo de várias influências, quer em termos da sua evolução na vertente científica, quer em termos da sua utilização ao nível da linguagem de senso comum, onde este conceito surgiu como sinónimo de “louco” ou “criminoso” (SOEIRO; GONÇALVES, 2010).

Morana, Stone e Filho (2006) nos mostram que:

O CID, em sua décima revisão, descreve oito tipos de transtornos específicos de personalidade: paranóide; esquizóide; antissocial; emocionalmente instável; histriônico; anancástico; ansioso; e dependente. 1) Transtorno paranóide: predomina a desconfiança, sensibilidade excessiva a contrariedades e o sentimento de estar sempre sendo prejudicado pelos outros; atitudes de auto-referência. 2) Transtorno esquizóide: predomina o desapego, ocorre desinteresse pelo contato social, retraimento afetivo, dificuldade em experimentar prazer; tendência à introspecção. 3) Transtorno antissocial: prevalece a indiferença pelos sentimentos alheios, podendo adotar comportamento cruel; desprezo por normas e obrigações; baixa tolerância a frustração e baixo limiar para descarga de atos violentos. 4) Transtorno emocionalmente instável: marcado por manifestações impulsivas e imprevisíveis. Apresenta dois subtipos: impulsivo e borderline. O impulsivo é caracterizado pela instabilidade emocional e falta de controle dos impulsos. O borderline, por sua vez, além da instabilidade emocional, revela perturbações da autoimagem, com dificuldade em definir suas preferências pessoais, com conseqüente sentimento de vazio. 5) Transtorno histriônico: prevalece egocentrismo, a baixa tolerância a frustrações, a teatralidade e a superficialidade. Impera a necessidade de fazer com que todos dirijam a atenção para eles próprios. 6) Transtorno anancástico: prevalece preocupação com detalhes, a rigidez e a teimosia. Existem pensamentos repetitivos e intrusivos que não alcançam, no entanto, a gravidade de um transtorno obsessivo-compulsivo. 7) Transtorno ansioso (ou esquivo): prevalece

sensibilidade excessiva a críticas; sentimentos persistentes de tensão e apreensão, com tendência a retraimento social por insegurança de sua capacidade social e/ou profissional. 8) Transtorno dependente: prevalece astenia do comportamento, carência de determinação e iniciativa, bem como instabilidade de propósitos.

Na literatura psiquiátrica, atribui-se frequentemente o emprego do termo “psicopático”, que foi usado por Koch pela primeira vez em sua obra *As inferioridades psicopáticas*, de 1891. Segundo Werlinder tratar-se-ia de um anacronismo, uma vez que o termo psicopático já havia sido empregado por Von Feuchtersleben (1845), Griesinger (1868) e Krafft-Ebing (1886), antes do trabalho de Koch. Contudo, esse termo, tal como empregado por tais autores, possuía uma extensão que tornava seu emprego singularmente afastado do uso corrente que dele se faz na atualidade. Portanto, deve-se à escola de psiquiatria alemã, por meio de Koch, a introdução do termo “psicopatia” na sua acepção moderna (HENRIQUES, 2009).

Vale ressaltar que, no século XIX, a expressão “psicopata” (do grego: psyché = alma; pathos = paixão, sofrimento) era utilizada pela literatura médica em seu sentido amplo, para designar os doentes mentais de modo geral, não havendo ainda uma ligação entre a psicopatia e a personalidade antissocial. Freud usou essa expressão em sua acepção ampla, como o atesta seu artigo *Personagens psicopáticos no palco*, de 1905 ou 1906. Esse uso do termo “psicopatia” como sinônimo de doença mental ainda não desapareceu por completo, sobretudo na literatura não especializada. Na Alemanha oitocentista, contudo, essa expressão foi paulatinamente adquirindo um sentido mais restrito, na medida em que ela foi sendo acoplada pela psiquiatria germânica aos conceitos de “personalidade” e “constituição” (HENRIQUES, 2009, p. 287).

Com os trabalhos de Kraepelin, Birnbaum e Gruhle, uma rígida fronteira entre psicopatia e psicose foi estabelecida. Segundo tais autores, a psicopatia seria sempre devida a uma disposição constitucional, que poderia se manifestar ou não no decorrer da vida do indivíduo, dependendo inclusive de influências ambientais. No entanto, a psicopatia nunca progrediria para uma psicose – a perda de contato com a realidade –, a qual seria sempre um fenômeno de outra ordem na vida da pessoa. Poderia haver comorbidade numa mesma pessoa das duas condições, embora nenhuma ligação etiológica pudesse haver entre elas. As tipologias

negativas de Kraepelin acerca das “personalidades psicopáticas” (termo cunhado por ele na sétima edição de seu Tratado de Psiquiatria, que data de 1904) contribuiriam para o direcionamento do conceito de psicopatia rumo ao antissocial (HENRIQUES, 2009, p. 287).

Numa direção totalmente oposta à de seus contemporâneos, Kretschmer, em sua obra *Biótipo e caráter*, de 1922, ele derrubaria as fronteiras entre psicopatia, psicose e normalidade, instituindo um *continuum* de manifestações que iam da normalidade à doença. Sua controversa ideia de que a personalidade psicopática era uma forma atenuada de transtorno mental (como, por exemplo, transtorno esquizoide e paranoide da personalidade) não seria plenamente aceita (MORANA; STONE; FILHO, 2006).

Entre 1923 e 1955 Schneider realizou importantes contribuições no campo da psicopatia. Este autor utilizou o termo “personalidade psicopática” como uma entidade integradora de certas patologias, apresentando uma clara distinção entre os conceitos de doença mental e de psicopatia. O autor considerou ser errado definir como doença mental uma perturbação que tem por base traços psíquicos (CANTERO, 1993).

A sua classificação baseava-se, então, nos traços disposicionais associados ao estudo da personalidade e das vivências que determinavam o desenvolvimento da mesma. Nesta perspectiva, a psicopatia está relacionada com desvios quantitativos das características normais da personalidade, salientando-se, desta forma, a importância dos aspectos predisposicionais (GONÇALVES, 1999).

Henriques (2009) nos lembra de que:

(...) com a crescente influência da psicanálise e da fenomenologia no campo psiquiátrico ocidental, a partir da segunda metade do século XX, durante o Pós-Guerra, os conceitos germânicos sobre psicopatia tiveram um declínio de importância, em vista da maior ênfase concedida aos fatores externos na formação da subjetividade. O conceito de psicopatia foi se restringindo e se associando ao antissocial, que passou a predominar a partir de então.

Uma pessoa “antissocial” que apesar da boa impressão inicial, logo se descobrirá, a partir de situações cotidianas, que não possui senso de responsabilidade, independentemente do tipo de compromisso assumido, seja ela vulgar ou sério. A confrontação com suas falhas ou com sua

deslealdade parece não influenciar nas suas atitudes. Contudo, o psicopata não age de modo antissocial todo o tempo, sendo comum a alternância com condutas socialmente aceitas e valorizadas – ele pode, por um determinado período, frequentar o trabalho regularmente, pagar suas contas em dia ou ignorar oportunidades para cometer atos ilícitos. Não se pode prever quanto tempo vai durar sua boa conduta, dado que uma recidiva é quase certa (PIERSON, 2012).

Apesar da inteligência acima da média, o psicopata não consegue aprender com seus erros. Nenhuma punição é passível de fazer com que o psicopata mude suas maneiras, embora as práticas punitivas, de ordem médica e jurídica, sejam as que mais recaiam sobre ele (PAES, 2009, p. 290).

A vida sexual dos psicopatas é caracterizada por práticas sexuais desviantes (inclusive incestuosas), sem que isso forme um padrão de comportamento. O homossexualismo raramente é encontrado, ao menos enquanto a única forma de orientação sexual. De modo geral, as relações sexuais, que podem ser de vários tipos, são impessoais e não implicam relacionamentos afetivos duradouros (CLECKLEY, 1976).

Psicanálise - do termo à explicação

Após uma caracterização da figura do psicopata, é importante fazer uma abordagem histórica da psicanálise, uma vez que o estudo se fundamenta em teorias psicanalíticas. Então partindo do começo é preciso esclarecer o significado da expressão. O que é psicanálise e qual sua essência? (MEZAN, 2007).

Começemos com o que o próprio Freud – percussor dessa ciência - diz quanto à natureza da sua invenção. O termo psicanálise é usado para se referir a uma teoria, a um método interpretativo e a uma prática profissional. Enquanto teoria, a psicanálise caracteriza-se por um conjunto de conhecimentos sistematizados sobre o funcionamento da vida psíquica. Freud publicou uma extensa obra, durante toda a sua vida, relatando suas descobertas e formulando leis gerais sobre a estrutura e o funcionamento da psique humana (HERRMANN, 1984).

A Psicanálise, enquanto método de investigação caracteriza-se pelo método interpretativo, que busca o significado oculto daquilo que são manifestos por meio de ações e palavras ou pelas produções imaginárias, como os sonhos, os delírios, as associações livres, os atos falhos. A prática profissional refere-se à forma de tratamento — a Análise — que busca o autoconhecimento ou a cura, que ocorre através desse autoconhecimento. Atualmente, o exercício da Psicanálise ocorre de muitas outras formas. Ou seja, é usada como base para psicoterapias, aconselhamento, orientação; é aplicada no trabalho com grupos, instituições (HERMANN, 1984).

A psicanálise, que se faz através da conversação, trata as doenças mentais a partir da interpretação desses fenômenos, levando o paciente a identificar as origens de seu problema, o que pode ser o primeiro passo para a “cura” (SILVA, 2012).

Sexo e Libido foram o sentido onde Freud buscou explicar a vida humana pessoal e individual, mas também pública e social, recorrendo a essas tendências sexuais a que chamou de libido. Com esse termo Freud designou a energia sexual de maneira mais geral e indeterminada. Assim, por exemplo, em suas primeiras manifestações, a libido liga-se a outras funções vitais: no bebê que mama, o ato de sugar o seio materno provoca outro prazer além do de obter alimento e esse prazer passa a ser buscado por si mesmo. Freud afirma que a boca é uma "zona erógena" e considera que o prazer provocado pelo ato de sugar é sexual. Portanto, repare bem, a libido pode nada ter em comum com as áreas genitais (MEZAN, 2010. p. 52).

Os principais aspectos destas descobertas são: 1. A função sexual existe desde o princípio de vida, logo após o nascimento e não só a partir da puberdade como afirmavam as ideias dominantes. 2. O período da sexualidade é longo e complexo até chegar a sexualidade adulta, onde as funções de reprodução e de obtenção de prazer podem estar associadas, tanto no homem como na mulher. Esta afirmação contrariava as ideias predominantes de que o sexo estava associado, exclusivamente a reprodução. 3. A libido, nas palavras de Freud, é a "energia dos instintos sexuais e só deles" (SHINE, 2000. p. 36).

Um dos mais populares estudos Freudianos e bastante discutido até o dia de hoje, e muitas vezes contestado pela psicologia cognitivo-comportamental ou ainda pela neurociência,

é o conceito da divisão da mente humana que Freud expôs em seu livro "O Ego e o Id", publicado em 1923. O *ego* que se identifica à nossa consciência; 2) o *superego*, que seria a nossa consciência moral, ou seja, os princípios sociais e as proibições que nos são inculcadas nos primeiros anos de vida e que nos acompanham de forma inconsciente a vida inteira; 3) o *id*, isto é, os impulsos múltiplos da libido, dirigidos sempre para o prazer. (SHINE, 2000. p. 36).

A influência que Freud exerceu em várias correntes da ciência, da arte e da filosofia foi enorme. Mas não se deve deixar de dizer que muitos filósofos, psicólogos e psiquiatras fazem sérias objeções ao modo como o pai da psicanálise e seus discípulos apresentam seus conceitos: como realidades absolutas e não como hipóteses ou instrumentos de explicação que podem ser ultrapassados pela evolução científica e, em alguns casos, foram mesmo (BRENNER, 2012).

Além disso, vários conceitos desenvolvidos pela psicanálise serviram a diversos ramos da psicologia e possibilitaram o avanço dessa ciência que é muito mais do que um simples complemento da psiquiatria, enquanto uma especialidade médica (COSTA, 1964).

Psicanálise, à luz da perversão – Psicopatia

Pelo fato do tema perversão ter ficado durante muitos anos à margem da literatura Psicanalítica, muitos teóricos se perguntam qual a razão disso: seria a complexidade do tema? Ou, A pouca incidência de sujeitos perversos na clínica?

Santos (2013) nos diz que:

A psicanálise, por valorizar uma clínica na qual o sujeito é o protagonista que transmite um saber sobre o seu sofrimento, deixa de lado etiquetas diagnósticas que amiúde enquadram e silenciam o indivíduo, fato que, em certa medida, explica o porquê de seu retraimento em empreender pesquisas sobre a psicopatia.

Porém, Martinho (2013) em seu artigo "*O que responde o psicanalista sobre a perversão?*" nos lembra de que Freud, também respondeu a essa indagação em três tempos lógicos de sua obra. Podendo-se dizer que: o primeiro tempo – *O instante do olhar* – reflete o momento em que Freud vê algo de diferente daquilo que a comunidade científica daquela época apregoava em relação à perversão. Esse primeiro tempo se apresenta claramente delineado no

extraordinário texto de 1905, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, no qual Freud distingue com clareza a perversidade da perversão sexual encontrada em todo ser humano. Nesse texto, Freud reconhece que "a disposição às perversões é a disposição originária e universal da pulsão sexual dos seres humanos" (p. 211).

O segundo – *O tempo para compreender* – é marcado por um momento de virada que provoca uma reviravolta em todo o desenvolvimento teórico do pensamento analítico no que se refere à neurose e à perversão. Esse tempo se evidencia em um estudo de 1919, sobre a gênese das perversões, intitulado "Bate-se numa criança: uma contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais", a partir do qual Freud compreende que a fantasia de espancamento e outras fixações perversas análogas são precipitadas do complexo de Édipo, cicatrizes deixadas pelo processo que expirou.

O terceiro tempo – *O momento de concluir* – introduz um novo desenvolvimento metapsicológico na obra freudiana. Nesse tempo, baseando-se em novas observações clínicas, Freud amplia as suas concepções acerca do fetichismo com a publicação de um texto excepcional, intitulado *Fetichismo* (1927), no qual faz, pela primeira vez com clareza, a correlação entre a perversão fetichista e um mecanismo próprio de defesa contra a castração: a *Verleugnung* - *recusa*. Nesse tempo, a perversão ganha o status de categoria clínica, fazendo série com a neurose e com a psicose.

A releitura que Lacan faz da obra de Freud nos auxilia a compreender esses três tempos da seguinte maneira: no primeiro, *Três ensaios*, é um divisor de águas, ressalta que os traços de perversão que Freud descobriu na neurose desvelam apenas a natureza do gozo do sujeito e não a sua estrutura clínica. No segundo, "*Bate-se numa criança*", a fantasia assume para Freud a *estrutura* irredutível de um enunciado gramatical cuja gênese se liga à história do sujeito. Lacan considera que foi por meio da análise da fantasia de espancamento que Freud fez a perversão entrar em sua verdadeira dialética analítica. No terceiro tempo, "*Fetichismo*", Lacan isola o termo "*Verleugnung*" na obra freudiana, e a partir das descobertas de Freud, pode dar à "*Verleugnung*" um estatuto próprio que define o mecanismo da perversão (MARTINHO, 2013, p. 01).

A nosografia psicanalítica concebe a perversão como um tipo específico de estruturação subjetiva, desejo e fantasia. A psicanálise advoga o princípio de que a sexualidade infantil possui a característica de ser perversa, por explorar, exagerar e transgredir os diferentes modos de satisfação, e de ser polimorfa, por admitir muitas formas, modeláveis e variáveis. A perversão no adulto diferencia-se disso por seu caráter de fixidez (uniforme) e pela função subjetiva de desautorização da lei. Inscrita em uma estrutura tripartite – de três partes -, a perversão aparece como uma renegação ou um desmentido da castração, com uma fixação na sexualidade infantil (ROSÁRIO; NETO, 2014).

Roudinesco (1998) salienta que através de Lacan, a perversão foi retirada do campo do desvio para fazer um componente do funcionamento psíquico do homem em geral, passando a se revelar como estrutura, em que ocorre uma espécie de provocação ou desafio permanente a lei.

Assim, a perversão não é só uma questão de infração da lei, mas refere-se a um desejo nítido, ao modo como nos colocamos e situamos o outro diante do que fazemos. Seguindo a trilha freudiana, podemos dizer que o conceito definidor da perversão é o desmentido que o sujeito opera sobre a angústia de castração (ROSÁRIO; NETO, 2014).

Ou seja, perversão, segundo Freud, é de certa forma natural no homem. Clinicamente é uma estrutura psíquica: ninguém nasce perverso, torna-se um ao herdar, de uma história singular e coletiva em que se misturam educação, identificações inconscientes, traumas diversos. Tudo depende em seguida do que cada sujeito faz da perversão que carrega em si: rebelião, superação, sublimação - ou, ao contrário, crime, autodestruição e outros (ROUDINESCO, 1998).

Uma diferença entre neuróticos é que enquanto eles funcionam psiquicamente adequando o ego às exigências do ambiente, recalçando conteúdos conflitantes e angustiantes, no perverso, o ego fica à mercê do id, sujeitando-se a ele, rejeitando a realidade, apropriando-se de uma realidade substituta, onde ocorreriam as alucinações e os delírios. Na perversão, o desejo aparece como vontade de gozo, e o ato é praticado geralmente como vitorioso, isento de culpa. O perverso sabe o que quer, enquanto o neurótico reprime esse desejo. (FERREIRA;

MENEZES, 2011).

No que tange ao aparelho psíquico do perverso, surge uma nova formatação, diferente dos neuróticos e psicóticos. Agora o ego negocia suas exigências com os desejos do id e com a realidade. Os perversos colocam em prática aquilo que os neuróticos não têm coragem de manifestar. Inclusive, estes reprimem, recalcam muitos dos atos característicos dos perversos, isto é, na perversão é possível considerar, ao mesmo tempo, as exigências do id e as da realidade, sem que uma anule ou interfira na outra. Não há nem o recalçamento dos desejos, como ocorre na neurose, nem rejeição à realidade, como ocorre na psicose (AULAGNIER; SPAIRANI, 1967).

Resultados e discussões

Após o trabalho, obtivemos e aprendemos o conceito de Psicopatia por parte da Psicanálise. Conseguimos aferir que para a abordagem Freudiana, não se utiliza o termo psicopatia, mas sim, perversão – que pode ser subdividida em vários tipos – que, para Freud, a perversão é como um tipo específico de estruturação subjetiva, desejo e fantasia. A psicanálise advoga o princípio de que a sexualidade infantil possui a característica de ser perversa, por explorar, exagerar e transgredir os diferentes modos de satisfação, e de ser polimorfa, por admitir muitas formas, modeláveis e variáveis. A perversão no adulto diferencia-se disso por seu caráter de fixidez (uniforme) e pela função subjetiva de desautorização da lei. Inscrita em uma estrutura tripartite, a perversão aparece como uma renegação ou um desmentido da castração, com uma fixação na sexualidade infantil (ROUDINESCO, 2010).

Conseguimos identificar que a Psicanálise em uma visão bem arcaica, “divide nossa mente em partes”, onde são três as estruturas do aparelho mental. Cada uma delas cuidaria de algum aspecto da nossa personalidade e regeria nossa interação com outras pessoas. Teríamos o ID, que constitui o reservatório de energia psíquica, é onde se localizam as pulsões de vida e de morte. As características atribuídas ao sistema inconsciente. É regido pelo princípio do prazer. O Superego, que se origina com o complexo do Édipo, a partir da internalização das proibições, dos limites e da autoridade. (É algo além do ego que fica sempre te censurando e

dizendo: Isso não está certo, não faça aquilo, não faça isso, ou seja, aquela que dói quando prejudicamos alguém, é o nosso “freio”.) E o Ego, que estabelece o equilíbrio entre as exigências do id, as exigências da realidade e as ordens do superego. A verdadeira personalidade, que decide se acata as decisões do (Id) ou do (Superego).

Vimos que para uma parte dos psicanalistas, de uma forma ampla, o problema do perverso vem do aparelho psíquico, onde o ID predomina em sua vida: pois, a única coisa que importa é o prazer próprio. E não importa se for preciso pisar e prejudicar o próximo para atingir os objetivos.

A perversão se caracteriza por uma fixação do desvio quanto ao objeto de desejo, e pela exclusividade de sua prática. Essa sexualidade estaria definida e cristalizada, por conta de um prejuízo na estruturação do Édipo na vida da criança. O perverso sabe o que quer, sabe o foco do seu desejo, mas nega a raiz de onde ele se originou, considerando a realidade e ao mesmo tempo a negando, substituindo-a pelo seu próprio desejo (FERREIRA E MENEZES, 2011).

Desta forma, concluímos o trabalho conseguindo aferir que a desmistificação da visão midiática do termo psicopatia é importante, porque quebra os paradigmas existentes contra esses perversos. Mostra para a sociedade que a psicopatia, não é uma doença que transforma a pessoa em um serial killer, mas, é uma estrutura da personalidade que se inicia a partir da infância, quando a criança é um sujeito sexual que constantemente se experimenta e então se descobre. E, a partir desse experimentar e descobrir, é que se pode encontrar a distinção da perversão para a “normalidade”.

Considerações finais

Diante do exposto vimos à existência de várias definições de psicopatia. Conseguimos identificar também que a mídia nos últimos anos vem passando uma visão distorcida do significado de psicopatia. Consideramos preciso analisar antes de tudo a aproximação entre o diagnóstico e a crítica social, procurando algo além do que é apresentado pela mídia e a sociedade.

Os estudos revisados nesse artigo nos possibilitam ter uma noção mais aprofundada do conceito de perversão, que se inter-relaciona com o transtorno de personalidade antissocial, no entanto, possui suas particularidades. Importante assim salientar que essa discussão é de grande impacto nas últimas décadas, porque a psicopatia tem sido para alguns, sinônimo de doença.

O trabalho desenvolvido nos possibilitou perceber a diversidade de estudos e analisar quais os indicadores que melhor definem essa perturbação da personalidade, possibilitando o desenvolvimento de uma forte relação entre os indicadores de psicopatia e os aspectos contextuais, relacionados com a temática exposta.

Percebemos que esse trabalho pode ser para a sociedade, uma forte fonte de informação no que diz respeito à ideia errônea construída pelo senso comum a respeito da perversão/psicopatia. E que os conceitos apresentados sobre perversão passaram por alguns desconcertos impregnados de doses moralistas, e apesar das inúmeras controvérsias ideológicas, cabe aqui considerar a perversão como um conjunto de comportamentos psicosexuais que buscam um prazer de forma contínua. Conforme aprendemos com Freud, somos necessariamente seres sexuais, transferindo, recalçando, liberando nossa libido, e variando inclusive nosso objeto de interesse ao longo da vida, estando ele dentro da perversão, ou não.

Vimos que os perversos fazem parte da nossa rotina, nos centros de saúde, na escola, na vizinhança, no trabalho e em tantos outros lugares. Que eles têm um transtorno e, nem sempre perdem o juízo da realidade, tampouco seus sintomas aparecem na forma de surtos, com delírios e alucinações, como em casos de esquizofrenia e transtorno bipolar.

Finalizamos entendendo que cabe a sociedade, relacionar e discernir o normal e o “pervertido”, para que se faça, ou não uma identificação do indivíduo perverso, uma vez que o “aceitável” nada mais é que uma convenção social.

Referências

AULAGNIER; AN SPAIRANI, M.N. . **Escala Hare PCL-R: critérios para pontuação de psicopatia revisados.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1967.

BOCK, A. M., FURTADO, O. E TEIXEIRA, M. L. **Psicologias** - Uma Introdução ao estudo de Psicologia. Rio de Janeiro: Saraiva 2002.

CLECKLEY, H. (1941/1976). **The mask of sanity** (5th ed.). St. Louis: Mosby. Disponível em <www.quantumfuture.net/store/sanity_1.PdF > Acesso em: 01 jun. 2015

FADIMAN, J. E FRAGER, R. **Teorias da Personalidade**. São Paulo: Habba, 2006

FERRAZ, Flávio Carvalho. **Perversão**. 5. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/reverso/v27n52/v27n52a02.pdf>> Acesso em: 08 out. 2014.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

FREUD, S. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. Conferência XXXIII – Feminilidade (1932-1933). In: _____. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição Standard Brasileira, v. 22, p. 113-134.

FREUD, S. Mal-estar na civilização (1929-1930). In: _____. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição Standard Brasileira, v. 21, p. 73-150. Disponível em: <https://cei1011.files.wordpress.com/2010/04/freud_o_mal_estar_na_civilizacao.pdf> Acesso em: 01 jun. 2015.

FREUD, S. Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico (1916). In: _____. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição Standard Brasileira, v. 14, p. 325-348. Disponível em: <<http://ideiaeideologia.com/wp-content/uploads/2012/10/freud-sigmund-obras-completas-cia-das-letras-vol-12-1914-1916.pdf> > Acesso em: 01 jun. 2015.

GARCIA, L. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor 2000.

HENRIQUES, R. P. de H. Cleckley ao DSM-IV-TR: a evolução do conceito de psicopatia rumo à medicalização da delinquência. **Revista Latinoamericana de psicopatologia fundamental**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 285-302, 2009. Disponível em: <> Acesso em: 01 jun. 2015.

SHINE, S. K. **Psicopata**. Rio de Janeiro: Casa do Psicólogo, 2000.

KOSSON, D. S.; SMITH, S. S.; NEWMAN, J. P. Evaluating the construct validity of psychopathy on black and white male inmates: Three preliminary studies. **Journal of Abnormal Psychology**, v.99, p. 250-259. 1990.

KRISCHER, M. K.; SEVECKE, K. Early traumatization and psychopathy in female and male juvenile offenders. **International Journal of Law and Psychiatry**, v. 31, p.253-262. 2008.

LARANJEIRA, C. A. A análise psicossocial do jovem delinquente: Uma revisão da literatura. **Psicologia em Estudo**, v, 12, p. 221-227. 2007.

LETNER, Loula. "Na consciência dos criminosos há um fundo ignorado de bondade e de justiça." Disponível em:

<http://www.celpsyro.org.br/joomla/index.php?option=com_content&view=article&id=230:bases-psicodinamicas-da-delinquencia&catid=53:estante-do-autor&Itemid=97> Acesso em: 05 set. 2014.

LEWIS, D. Sociopatia: transtorno e delinquência. **Direito e Justiça**, v. 31, n. 2, p. 25- 40. 2005.

MOLL, J.; ESLINGER, P. J.; SOUZA, R. Frontopolar and anterior temporal cortex activation in a moral judgment task. **Arquivos de Neuropsiquiatria**, v. 59, n.3, p. 657-664. 2001.

MORANA, H. C. Subtypes of antisocial personality disorder and the implications for forensic research: issues in personality disorder assessment. **Internal Medicine**, v.6, p. 187-99. 1999.

MORANA, H. C.; STONE, M. H.; FILHO, E. A. Transtornos de personalidade, psicopatia e serial killers. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 28, p. 74-79. 2006.

MORANA, H. C.; CÂMARA, F. P.; FLÓREZ, J. A. Cluster analysis of a forensic population with antisocial personality disorder regarding PCL-R scores: Differentiation of two patterns of criminal profiles. **Forensic Science International**, v. 164, p. 98-101. 2006.

NADIS, S. Utter amorality: Can psychopaths feel emotions? **Academic Search Premier**, v. 17, p. 12-. 2002.

NOUVION, S. O.; CHEREK, D. R.,; LANE, S. D.; TCHEREMISSINE, O. V.; LIEVING, L. M. Human proactive aggression: Association with personality disorders and psychopathy. **Aggressive Behavior**, v. 33, p. 552-562. 2007.

O'CONNELL, S. **Mindreading**: An investigation into how we learn to love and lie. London: Arrow Books Ltda, 1998.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS) (Ed.). **Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID -10**: Descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

PRIDMORE, S.; CHAMBERS, A.; MCARTHUR, M. Neuroimaging in psychopathy. **Australian and New Zealand Journal of Psychiatry**, v.39, p. 856-865. 2005.

RAINE, A.; BUCHSBAUMB, M. S.; STANLEY, J.; LOTTENBERG, S.; ABEL, L.; STODDARD, J. Selective reductions in prefrontal metabolism in murders. **Society of Biological Psychiatry**, v. 36, p. 365-373. 1994.

SANTOS, M., J., M., Sob o véu da psicopatia: contribuições psicanalíticas, **Responsabilidades: revista interdisciplinar do Programa de Atenção Integral ao Paciente Judiciário - PAI-PJ** Belo Horizonte: Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais, v.3, n., p. 109 – 110, 2003.

RICHELL, R. A.; MITCHELL, D. G. V.; NEWMAN, C. LEONARD, A.; BARON-COHEN, S.; BLAIR, R. J. R. Theory of mind and psychopathy: Can psychopathic individuals read the language of the eyes? **Neuropsychologia**, v. 41, p. 523-526. 2003.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. Disponível em: <<http://www.zahar.com.br/sites/default/files/arquivos//t1204.pdf>> Acesso em: 08 out. 2014.

ROUDINESCO, E. **Por que a psicanálise?** Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000.

ROUDINESCO, E., PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

SCARPA, A.; RAINE, A. Psychophysiology of anger and violent behavior: Anger, aggression, and violence. **The Psychiatric Clinics of North America**, v. 20, n. 2, p. 375-394. 1997.

SCHNEIDER, K. **Psicopatologia clínica**. São Paulo: Mestre Jou, 1968.

SHINE, K. **Psicopatia**: coleção clínica psicanalítica. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2000.

SOEIRO, Letícia. **Análise Psicológica** (2010), v.(xxvIII): 227- 240.

SOUZA, R. Psychopathy as a disorder of the moral brain: Fronto-temporo-limbic grey matter reductions demonstrated by voxel-based morphometry. **Neuroimage**, v. 40, p. 1.202-1.213. 2008.

SUECKER, B. Sociopatia: transtorno e delinquência. **Direito e Justiça**, v. 31, p. 25-40. 2005.

VALMIR, S. **Dicionário de Psicologia**. Rio de Janeiro. Ediouro, 1998.

Artigo recebido em 13 de outubro de 2015. Aprovado em 21 de dezembro de 2015.